

Distração

Causos e estórias de Montemor

por Nelson de Luccas e José Rosa Coelho.

Antigamente, lá na primeira metade do século XX, as calças masculinas apresentavam bolsos enormes, profundos, por onde havia a possibilidade de coçar os joelhos. Neles dava para se carregar litros de vinho ou aguardente, ou ainda uma dúzia de bananas ou um ou dois quilos de arroz, feijão ou açúcar. Não se compravam calças feitas em lojas, elas eram confeccionadas por alfaiates ou costureiras. Assim os bolsos eram programados de acordo com o comprimento do braço do usuário.

As calças de modo geral eram largas, e deveriam mesmo ser, ou não comportaria tais bolsos. Os tecidos mais usados para a confecção desse tipo de roupa eram o brim para peças mais robustas e próprias ao trabalho e ao dia-a-dia e a casimira e ainda o linho para outras mais finas e delicadas próprias aos eventos mais requintados como festas, “fazer praça” ou mesmo ir à igreja.

Fazer praça significava rodear jardim, principalmente para paqueras e encontros entre amigos aos finais de semana. Geralmente esses jardins localizavam-se em praças no centro da cidade e comumente em frente às igrejas. Toda cidade mais antiga, aqui no Brasil nasceu no entorno de uma igreja católica e de sua praça adjacente. Aos finais de semana a comunidade rural debandava para esses centros onde aconteciam verdadeiras festas levando-se em conta a aglomeração humana onde os vendedores de amendoim, pipoca e pirulitos em forma de cones acomodados em tabuleiros furadinhos, cruzavam de um lado a outro oferecendo sua mercadoria. Muitas vezes havia retreta com a banda local que se apresentava no coreto, pois em toda praça não podia deixar de existir esses verdadeiros mimos arquitetônicos. Na maior parte das vezes esse povo vinha para assistir missa, obrigação de todo católico, tradição herdada dos colonizadores e dominante até boa

parte da segunda metade do século passado. Hoje embora continue a ser uma das obrigações do católico já não é vista com tanta seriedade.

Essa era, também, a rotina dos amigos inseparáveis, o Miquilo e o Serafim. Moravam em chácaras vizinhas, com cerca comum num dos lados e que se localizavam na saída de estrada que liga Monte Mor a Santa Bárbara, e a, aproximadamente, meio quilômetro do centro, onde estavam a igreja e a praça. Todos os sábados e muitos domingos, os dois, bem asseados e engravatados, recheando ternos de casimira no inverno e linho no verão, marcavam presença no burburinho da praça, onde nem sempre permaneciam por muito tempo, pois o que mais gostavam era encostar barriga num balcão de boteco e encher o caco com muitas doses da manguaça.

Certa ocasião os dois, como sempre, saíram naquele sábado para o de sempre, encharcar a cuca com a branquinha. “O que é de gosto, regalo da vida”. A Banda do Joaquim Bicudo executava velhos dobrados e dolentes canções de amor enquanto as coroas saudosistas, por conta das doces lembranças, rebentavam grossas lágrimas dos olhos a escorrer pelos sulcos da face, resultados dos anos vividos.

Os amigos, depois de uns giros entre o povaréu, como sempre e para alimentar as bichas, como diziam, vão esfregar barriga no balcão de um dos botecos da praça e lá permanecem por muitas voltas do ponteiro do relógio, até que a praça esvaziasse. Quando já não havia espaço para nenhum gole e as atitudes perderam o controle, os dois resolveram buscar o caminho de casa. Antes, porém, Miquilo resolve comprar quatro gomos de linguiça, pois, naqueles tempos até isso se vendiam nos botecos, e os coloca naquele bolso descrito no começo deste texto. Tudo nos conformes partiram cambaleando pela estada poeirenta que levava às suas chácaras. A morada do Serafim era a primeira e foi na porteira da entrada da mesma que os dois pararam para trocar umas últimas conversas. Entre risos e palavreados inúteis, Miquilo apertado, encosta num dos moirões da porteira para descarregar a bexiga. Com muito esforço consegue desabotoar os botões da vista

da calça, pois, naqueles tempos não se usavam zíperes, mas botões para fechar o buraco do passarinho. Cantando e falando coisas sem nexos, erra o buraco, mete a mão no bolso, segura um gomo de linguiça, bota a coisa pra fora e descarrega toda a urina acumulada na noite, escorrendo por uma das pernas até o sapatão, que ficou encharcado de urina.

Chorando, Miquilo pediu ao Serafim: “Amigo, acho que meu passarinho entupiu, dê uma olhada”. O amigo abaixou, olhou, olhou e argumentou: “Miquilo, desse jeito, você não vai mijar nunca, o seu passarinho está com o bico amarrado!?”. Os dois estavam no maior pileque e começaram a rir da situação... KKKKKKKKKKKKK